

## UMA LEITURA GEOGRÁFICA DO MEIO AMBIENTE TERRITORIALIZADO EM MIRANTE DO PARANAPANEMA-SP

Reginaldo José de Souza<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente trabalho resultou de reflexões durante a elaboração de nossa dissertação de Mestrado, intitulada “O sistema GTP (Geossistema-Território-Paisagem) aplicado ao estudo sobre as dinâmicas socioambientais em Mirante do Paranapanema-SP”<sup>2</sup>. Definimos o município como recorte de estudos devido à sua “localização raiana”, em que a expressão paisagística das dinâmicas socioambientais bem representa o tipo de ocupação, apropriação e usos predatórios dos recursos naturais no contexto das parcelas territoriais da Raia Divisória São Paulo-Paraná-Mato Grosso do Sul. Elementos como processos erosivos (sulcos erosivos, voçorocamentos), vertentes desmatadas, áreas que deveriam ser de preservação permanente - irregularmente utilizadas e em dinâmica regressiva - e assoreamento de ribeirões configuram a paisagem de Mirante do Paranapanema-SP e isso é um fator negativo ao desenvolvimento socioeconômico na escala local. Portanto, neste trabalho apresentaremos uma leitura geográfica das dinâmicas entre sociedade e natureza, analisadas no âmbito do município. Estruturamos o texto em três partes. Introdutoriamente, a breve caracterização do processo de ocupação em cada uma das parcelas territoriais da Raia Divisória, ou seja, o Noroeste paranaense, o Sudeste Sul-matogrossense e o Pontal do Paranapanema. Posteriormente, tratamos de alguns dos principais problemas de ordem socioambiental identificados na área rural de Mirante do Paranapanema no decorrer de nossa pesquisa e, para finalizar, nossas conclusões sobre o atual modelo de reprodução territorial no município estudado e como deve ser conduzida a análise socioambiental em Geografia para compreensão desta realidade.

Palavras-chave: Dinâmicas socioambientais, Geografia, Mirante do Paranapanema.

### 1. Introdução

<sup>1</sup> Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia, FCT-UNESP, campus de Presidente Prudente. reginaldogeo@hotmail.com

<sup>2</sup> Esta dissertação foi defendida em março de 2010, sob orientação do Prof. Dr. Messias Modesto dos Passos. Sua produção contou com apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

A Raia Divisória São Paulo-Paraná-Mato Grosso do Sul é um conjunto regional que apresenta dinâmicas socioambientais peculiares em cada uma das parcelas territoriais que a compõe, ou seja, a microrregião de Paranavaí, a microrregião de Nova Andradina e o Pontal do Paranapanema. Estas especificidades foram motivadas, sobretudo, por modelos diferenciados de ocupação territorial.

No Pontal do Paranapanema, a ocupação esteve baseada no “espírito progressista” daqueles que vieram para a região, motivados, principalmente, pelo avanço da cafeicultura e da ferrovia no começo do século XX, fato que deu início à onda de desmatamentos. Posteriormente, as terras areníticas que caracterizam a região foram ocupadas com a cultura do algodão (a partir de 1940) durante aproximadamente duas décadas. Isso levou a um agudo exaurimento dos solos com consequências negativas ao desenvolvimento econômico regional. Lembrando que a atividade pecuária conviveu com a agricultura e, ainda hoje, compõe a paisagem do Pontal do Paranapanema de modo marcante.

Na porção correspondente ao estado do Paraná, a ocupação também esteve relacionada à própria expansão da cafeicultura paulista para as porções Norte e Noroeste. Porém, com o processo de ocupação inicial, houve uma concepção moderna de colonização a partir da construção de vias de circulação e projetos de pequenos centros urbanos vinculados a cidades de médio porte, como é o caso de Maringá, Paranavaí, Cianorte etc., ao passo que a criação dos lotes rurais deu-se em consonância a uma lógica voltada ao relativo desenvolvimento econômico regional (diferentemente do que ocorreu na porção paulista).

O Sudeste sul-matogrossense teve o processo de ocupação e povoamento motivado pela expansão das economias das duas parcelas contíguas – Sudoeste paulista e Noroeste paranaense. A ocupação desta parcela territorial foi uma consequência da capitalização observada nas áreas próximas e de ocupação anterior. O fato do capital proveniente de outras áreas se apropriar, majoritariamente, do espaço tem um peso significativo (negativo) na gestão do território, ainda hoje. (PASSOS, 2007).

Neste artigo, daremos foco especial às dinâmicas ocorrentes na porção paulista da Raia Divisória SP-PR-MS. Durante nossa pesquisa de Mestrado, concluída no ano de

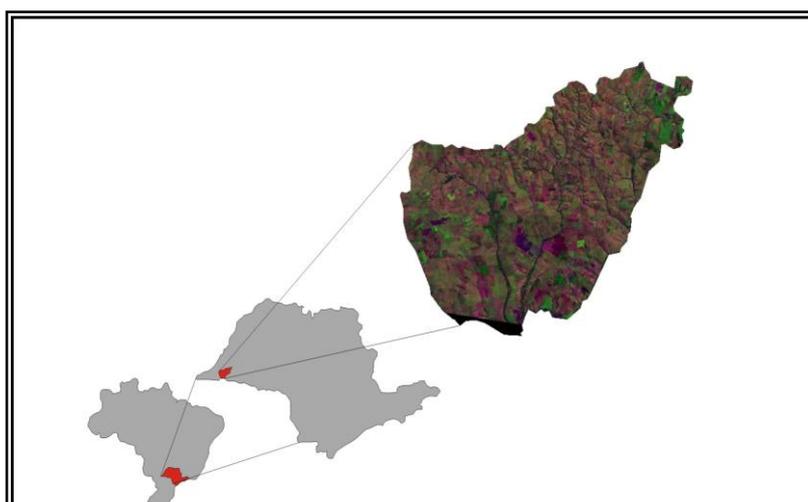
2010, entramos em contato direto com as dinâmicas socioambientais no Pontal do Paranapanema. Nosso recorte de análise foi o município de Mirante do Paranapanema.

Definimos este município como recorte de estudos em função daquilo que chamamos de sua “localização raiana”, em que a expressão paisagística das dinâmicas socioambientais bem representa o tipo de ocupação, apropriação e usos predatórios dos recursos naturais no contexto das parcelas territoriais da Raia Divisória. Elementos como processos erosivos (sulcos erosivos, voçorocamentos), vertentes desmatadas, áreas que deveriam ser de preservação permanente - irregularmente utilizadas e em dinâmica regressiva - e assoreamento de ribeirões configuram a paisagem de Mirante do Paranapanema-SP e isso é um fator negativo ao desenvolvimento socioeconômico na escala local e, de certo modo, bem representa a falta de políticas públicas que visem ao desenvolvimento e integração regional da Raia como um todo.

Portanto, este trabalho apresenta parte de nossas reflexões no âmbito de uma pesquisa já concluída que teve como alguns dos seus objetivos realizar leituras e análises integradas do meio ambiente na perspectiva de categorias como território e paisagem, a partir do estudo de caso centrado no município.

## **2. As dinâmicas socioambientais em Mirante do Paranapanema-SP: uma leitura geográfica**

Tomamos o estudo sobre as dinâmicas socioambientais em Mirante do Paranapanema (ver figura 1), considerando a dimensão territorial e paisagística do meio ambiente. Optamos pelo estudo deste município por alguns motivos importantes que serão expostos em seguida.



**Figura 1:** Localização de Mirante do Paranapanema/SP.

Mirante do Paranapanema atualmente apresenta uma variedade de elementos que nos remetem à discussão da problemática socioambiental no âmbito da ciência geográfica. Estes elementos dizem respeito a certas formas paisagísticas que são indicadoras de degradação ambiental no contexto de modelos de apropriação econômica do território que, certamente, são pouco coerentes às práticas produtivas conservacionistas.

Desde anos anteriores à sua emancipação político-administrativa (1953), a área do atual município já estava de certo modo destinada a um modelo de ocupação que mais tarde traria reflexos muito negativos tanto para a combinação e dinâmica dos elementos geocológicos quanto ao próprio desenvolvimento local. Isto é, um modelo de ocupação que se estabelecia na região do Pontal do Paranapanema como um todo e tinha como princípio fundamental a derrubada da mata para a garantia da posse da terra de acordo com o espírito imediatista dos colonizadores e grileiros àquela época.

O Pontal do Paranapanema constituía-se, originalmente, numa paisagem relativamente uniforme, em equilíbrio biotásico<sup>3</sup>, podendo ser associado ao domínio dos mares-de-morros, embora fora de sua área mais típica, situada nas regiões cristalinas do Brasil Sudeste. É evidente que por se tratar de uma área periférica, com relevo

<sup>3</sup> O conceito de biotasia, na proposta de Georges Bertrand (1968), apóia-se nas formulações do edafólogo Erhart (1956). Este elabora a teoria da *bio-resistência* no âmbito de suas análises sobre a constituição e destruição dos solos. Bertrand associa tais conceitos à dinâmica dos geossistemas e, assim, distingue seus diferentes estados de equilíbrio. O autor define geossistemas em biotasia como estáveis por serem recobertos com densa vegetação e, portanto, propiciarem a edafogênese. Por outro lado, geossistemas em resistência apresentam certa instabilidade, com predomínio do desnudamento das formações litológicas e a morfogênese.

tabuliforme suavemente convexizado, apresenta um potencial ecológico e uma exploração biológica um tanto distintos da existente na “área core” desse domínio morfoclimático. (Cf. PASSOS, 2006)

No Pontal do Paranapanema, as ações antrópicas atuaram diversamente rompendo com o equilíbrio biotásico. Desta diversidade atuante sobre o conjunto paisagístico originalmente uniforme na região, surgiu uma espécie de mosaico de unidades de paisagem que se definiram conforme o uso destinado ao solo. A fronteira agrícola avançou e se estabeleceu, causando substanciais alterações que levaram a prejuízos ao potencial geoecológico e à população regional.

Tais acontecimentos, em si, já são motivos suficientemente capazes de justificar a nossa escolha quanto ao objeto de estudo definido. O município de Mirante do Paranapanema está inserido neste conjunto regional mais amplo que é o Pontal do Paranapanema e, por conseguinte, também apresenta sérios agravos ao meio ambiente. Inclusive “agravos”, aqui, não apenas como sinônimo de danos ambientais, mas também no sentido de recursos judiciais contra estes mesmos danos que tramitam no Centro de Apoio Operacional das Promotorias de Justiça de Urbanismo e Meio Ambiente da Área Regional de Presidente Prudente.

O referido município foi palco de um tipo de ocupação agrícola que provocou uma morfodinâmica muito agressiva do relevo, resultando em um rápido exaurimento do solo, com erosão e assoreamento dos córregos, ou seja, consubstanciando-se uma série de impactos ambientais que, de modo direto ou indireto, acabaram/acabam por se refletir na sociedade local.

Desta forma, temos em mãos outro motivo que nos guiou à escolha deste município em nossa pesquisa de Mestrado, sendo ele: a necessidade de estudarmos o meio ambiente sob a perspectiva territorial. Ou seja, do meio ambiente territorializado. Com vistas a analisarmos o modo pelo qual as dinâmicas socioambientais se materializaram na paisagem-território e se prestam, nos dias de hoje, como indicadores dos processos históricos e atuais da evolução (construção, desconstrução e reconstrução) da paisagem.

A idéia de partir para o estudo do meio ambiente territorializado está vinculada a duas de nossas concepções a respeito da abordagem socioambiental na Geografia, sendo elas:

- A Geografia é uma interpretação social do território e;
- O termo meio ambiente é muito ambíguo e até mesmo confuso.

Mendonça nos alerta o seguinte:

Se na sociedade em geral **o termo meio ambiente ou ambiente** (*environment, environnement*), **vitimado que foi pela inflação jornalística** banalizou-se [...], no âmbito acadêmico-científico ele não passou impune a esse processo. **Tais termos têm sido utilizados das mais diversas maneiras**, mas, em boa parte das vezes, têm sido empregados como um processo industrial em que se colocam rótulos novos em produtos ultrapassados ou que não correspondem ao texto ali expresso. Assim, é preciso ter muito cuidado, pois os rótulos podem embelezar os produtos e expressar a vanguarda dos mesmos, mas podem também ser fortemente enganosos. (MENDONÇA, 2002, p.134, grifo nosso)

Encontramos no autor anteriormente mencionado uma tradução sobre a concepção de meio ambiente enquanto termo de certo modo confuso e passível de alguma utilização pouco consoante às aspirações científicas no contexto geográfico. Neste sentido, emergiu outro motivo que nos guiou à elaboração do projeto de pesquisa<sup>4</sup> e a apresentação de seus resultados neste momento. Ou seja, a preocupação em:

- i) sustentarmos a abordagem socioambiental de acordo com o corpo teórico-conceitual da ciência geográfica e assim;
- ii) não contrafazermos uma análise digressiva que abra ainda mais a definição de meio ambiente à confusão e à banalização.

Então, nós tomamos o município de Mirante do Paranapanema em sua **dimensão territorial**. Como espaço apropriado e produzido por determinado grupo social conforme o processo de formação histórica do Pontal do Paranapanema que, por sua vez, está inserido em uma porção maior: a Raia Divisória São Paulo-Paraná-Mato Grosso do Sul.

---

<sup>4</sup> Projeto de pesquisa apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da FCT-UNESP no ano de 2007 e que resultou na dissertação de Mestrado “O sistema GTP (Geossistema-Território-Paisagem) aplicado ao estudo sobre as dinâmicas socioambientais em Mirante do Paranapanema-SP” (2010).

Embora a região do Pontal do Paranapanema seja social e economicamente deprimida como um todo e tenha sediado um modelo de ocupação histórica que levou a certa homogeneidade fisionômica da paisagem (principalmente quando se observa o predomínio atual de áreas de pastagens, da retirada das matas ciliares e assoreamento dos córregos), é importante procurar sair de uma visão generalizante desta região e considerar as especificidades dos processos de degradação ambiental na escala dos municípios. Lembrando que tal degradação de modo direto ou indireto se reflete enquanto fator negativo na própria dinâmica socioeconômica municipal, legitimando-se como verdadeira degradação socioambiental.

Expusemos mais um dos motivos que nos levaram a escolha do referido município enquanto escala de análise em nossa pesquisa voltada à apreensão da problemática socioambiental: a necessidade de se considerar as características peculiares das ações antrópicas sobre seus elementos geocológicos. Características estas que se diferem de alguns outros municípios localizados naquilo a que Passos (2007, p.17) denomina de “área core do Pontal”, ou seja, um conjunto que se estende desde o ribeirão das Anhumas (na vertente do rio Paraná) e ribeirão do Engano ou Santo Antônio (na vertente do rio Paranapanema) – limite leste – até a confluência destes dois grandes rios – limite oeste.

Mirante do Paranapanema localiza-se, por assim dizer, em uma área denominada “Grande Pontal” que também é composta pelos atuais municípios de Marabá Paulista e Sandovalina. (PASSOS, 2007, p.16) Em termos de substrato geológico, apresenta áreas de afloramento de arenitos do Grupo Bauru com solos que no passado (sobretudo após a década de 1940) possibilitaram exploração agrícola mais intensiva, baseada essencialmente na cultura do algodão e amendoim.

A magnitude dos reflexos desta destinação ao solo no passado é algo que se faz presente na paisagem do município nos dias de hoje. Os sinais de absoluta degradação não são apenas captados por nosso olhar sobre a paisagem como, também, são sentidos pela própria população residente na área rural, cuja percepção que tem sobre o ambiente em que vivem lhes permite afirmações como “isto aqui é um cemitério, não tem pessoas, não tem lavouras, todos foram embora”, “tudo está se acabando”, “a pastagem é o que restou”, “não é mais possível ter lavouras” etc.

Bertrand (2007, p.89) menciona a importância de nos atermos à circularidade do tempo, entre as fenologias naturais e os ritmos calendários, ao falarmos sobre o meio ambiente. “Hoje, na geografia, não existem mais estações! Como falar de meio ambiente e de paisagem se perdemos o sentimento da duração e esquecemos a cor do tempo?”. A paisagem desestruturada de Mirante do Paranapanema se destaca, conforme observado em nossos trabalhos de campo<sup>5</sup>, nas épocas em que “oficialmente” estamos entre o último mês do período de outono e início do inverno.

Há uma palidez nos tons de verde que colorem a paisagem. As gramíneas e as folhas das árvores aproximam-se mais aos tons amarelados perante a relativa ausência de chuvas no período. O produtor na pequena propriedade preocupa-se com a queda dos preços do leite no mercado. A pastagem seca e ruim, associada aos processos erosivos e assoreamento dos córregos, inibe a produção leiteira. A cor da estação remete a pensar na queda da capacidade produtiva dos pastos, na diminuição dos ganhos, enfim, nos prejuízos econômicos da população do campo.

Em entrevistas que realizamos a pequenos proprietários, durante trabalho de campo na área rural do município, percebemos sua nostalgia com relação a um passado no qual era possível trabalhar com a lavoura e como a economia local era muito mais dinâmica do que no presente. A população, muitas vezes, tem certa consciência sobre o processo de degradação provocado pelo uso inadequado do solo, porém, há também ausência de recursos para se promover melhorias na propriedade em se tratando de aplicação de técnicas mais apropriadas de manejo.

Um morador da área rural do município expressou seu pessimismo com relação à atual condição dos recursos naturais e futuro da área onde vive. Quando nós o entrevistamos, percebemos que ele não acredita na possibilidade de recuperação dos ribeirões assoreados diante da baixa fertilidade do solo e conclui que o trabalho na lavoura não é mais possível para o pequeno proprietário.

Perante estas observações de campo, nos remetemos a uma passagem de Bertrand sobre o espaço rural:

---

<sup>5</sup> Realizados nos anos de 2008 e 2009.

O espaço rural, no sentido amplo, é o **meio natural organizado** para a produção agrícola, animal ou vegetal, pelos grupos humanos que fundam sobre sua totalidade ou sua parte, sua vida econômica e social. [...] **o espaço rural não existe fora das condições naturais**. Ele é uma realidade ecológica. Por definição, ele comporta uma parte maior de elementos naturais ou diretamente derivados do meio natural: relevo, clima, solo, águas, vegetais, animais. Todavia seus componentes naturais não podem ser impostos como uma dádiva prévia, mas como uma realidade vivida, às vezes dominante, às vezes dominada, combatida e utilizada no interior de uma organização social e econômica. (BERTRAND, 2007, p.127)

[...] o espaço rural não é somente uma estrutura espacial autônoma, é também, um **sistema integrado e funcional** no qual todos elementos são dinamicamente solidários uns com os outros, portanto indissociáveis. (BERTRAND, 2007, p. 141, grifo nosso)

Traçando um paralelo entre esta reflexão sobre o espaço rural de um modo geral e como este está (des)organizado em Mirante do Paranapanema, infelizmente o que observamos é a extrema degradação existente neste território, fruto de desequilíbrios entre ações das sucessivas sociedades que sobre ele atuaram e a capacidade de suporte das suas potencialidades geológicas. No caso deste município, não podemos interpretar que o seu espaço rural é um sistema integrado onde todos os elementos são dinamicamente solidários. Ao contrário: o que percebemos é uma franca desintegração. Homem e natureza sentem os reflexos desta relação dissimétrica. Os prejuízos maiores incidem direta e agressivamente sobre a sociedade local.

A dinâmica dos fluxos de população e atividades no município aponta para este fato. Passos (2007, p.308) menciona três características de fluxos em momentos diferentes da história de Mirante do Paranapanema. Entre os anos de 1940 a 1960, os fluxos se deram de modo centrífugo a partir do núcleo urbano, ou seja, era o momento da ocupação efetiva do território, baseada no desmatamento e na agricultura.

No intervalo que segue de 1960 a 1980, o núcleo urbano tornou-se o receptor da população que deixou as atividades do campo, sobretudo com a decadência da cultura algodoeira e a expansão da pecuária.

Entre os anos de 1980 e 2000, o referido autor aponta para um processo de desterritorialização no qual as relações entre cidade e campo são afrouxadas e a população rural se desloca: os mais idosos permanecem no município enquanto a parcela

mais jovem da população parte para outras cidades do interior de São Paulo (principalmente Presidente Prudente), capital e região Centro-Oeste

Os dados censitários do IBGE – referentes ao número de habitantes no município, por faixa etária - levantados entre os anos de 1970 e 2000 - nos remetem a esta realidade (ver tabela 1).

De um modo geral, houve uma queda significativa do total da população verificável nos censos de 1980, 1991 e 2000 quando comparados ao resultado referente a 1970. Considerando a população na faixa de idade que vai dos 20 aos 29 anos, percebe-se uma queda geral de 1970 para 2000, embora no censo de 1991 tenha apresentado um suave aumento; a soma total da população nesta faixa etária para cada ano é de 3.259 habitantes para 1970; 2.337, para 1980; 2.695 para 1991 e 2.449 para o ano 2000. Por outro lado, a população que está na faixa dos 60 anos de idade para mais, embora bem menor do que a população mais jovem, apresentou aumento significativo que nos permite deduzir as fragilidades do município, principalmente no que diz respeito à ausência de perspectivas futuras para os jovens no âmbito de empregos e na área da educação.

**Tabela 1: Dados populacionais, por faixa etária, em Mirante do Paranapanema-SP**

Faixa Etária (anos)	Número de Habitantes			
	Censo 1970	Censo 1980	Censo 1991	Censo 2000
De 0 a 4	3.579	2.021	1.521	1.297
De 5 a 9	3.758	2.025	1.667	1.452
De 10 a 14	3.217	2.187	1.753	1.634
De 15 a 19	2.324	1.971	1.638	1.649
De 20 a 24	1.722	1.325	1.431	1.325
De 25 a 29	1.537	1.012	1.264	1.124
De 30 a 34	1.261	879	1.096	1.200
De 35 a 39	1.087	812	874	1.215
De 40 a 44	1.033	714	777	874
De 45 a 49	769	660	687	1.013
De 50 a 54	519	589	582	731
De 55 a 59	431	408	537	769
De 60 a 64	282	317	471	566
De 65 a 69	155	240	363	562
De 70 a 74	108	156	229	333
De 75 a 79	49	59	153	253
Acima de 80	61	77	136	217 (até 99 anos)*
<b>Total do município</b>	<b>21.909</b>	<b>15.459</b>	<b>15.179</b>	<b>16.213</b>

\* Para 2000 o IBGE considerou grupos de idade até os 100 anos ou mais.

Fonte: SIDRA - IBGE. Org.: Reginaldo J. Souza

O esvaziamento populacional, a diminuição do número de habitantes jovens e o aumento do número de habitantes mais idosos, em Mirante do Paranapanema, nos remetem à essência de um problema de ordem estrutural: a **errônea idéia de que a natureza se presta à exploração ilimitada pela sociedade**. Entendemos ser este o cerne da questão, muito além da associação da mencionada dinâmica populacional aos reflexos negativos na economia do município provocados pelo declínio acentuado da agricultura e uso do solo mais direcionado à pecuária.

O “pecado original” volta-se ao modelo predatório da relação sociedade-natureza, onde a cultura do uso intensivo foi priorizada no seio de aspirações econômicas mais imediatistas dentro do contexto da colonização no Pontal do Paranapanema como um todo. Ao que tudo indica, a ausência de atitudes com vistas à manutenção de menores dissimetrias entre utilização econômica e a capacidade de suporte dos elementos naturais que compõem o espaço rural conduziu o município, historicamente, ao atual estado de degradação expresso por sua paisagem.

Este modelo predatório pode ser inferido a partir, por exemplo, dos dados apresentados pelo IBGE no censo agropecuário realizado no ano de 2006. A área total dos estabelecimentos agropecuários em Mirante do Paranapanema corresponde a 115.524 ha, sendo que dentro deste conjunto existem apenas 1.658 ha que se enquadram no item “Áreas de matas e florestas” definido pelo Instituto. De 2.288 estabelecimentos rurais no município, apenas 334 apresentam áreas de matas. Trata-se de uma diferença, no mínimo, alarmante.

Outros exemplos deste quadro de degradação estão nas redações de dez pareceres técnicos<sup>6</sup> resultantes de vistorias realizadas em propriedades rurais, em Mirante do Paranapanema, por representantes do Centro de Apoio Operacional das Promotorias de Justiça de Urbanismo e Meio Ambiente – Área Regional de Presidente Prudente (C.A.O.A.R.P.P.).

---

<sup>6</sup> Os pareceres técnicos são datados entre os anos de 2005 e 2007.

Entramos em contato com esta documentação<sup>7</sup> por meio de visitas técnicas ao Ministério Público do Estado de São Paulo e nela pudemos verificar que boa parte das autuações se deu devido a danos ambientais em áreas que são definidas, pela legislação vigente, como sendo de preservação permanente (APP): derrubada das matas ciliares, derrubada ou envenenamento de Reservas Legais, estabelecimento de assentamentos de reforma agrária sobre áreas de preservação etc. Ou seja, uma série de fatores que atualmente contribuem para piorar a situação dos elementos naturais no município e afastar para um futuro cada vez mais distante (quase utópico) as possibilidades de um verdadeiro desenvolvimento local sustentável.

Por todos estes aspectos apresentados, é possível afirmar que Mirante do Paranapanema, inscrito no conjunto regional do Pontal do Paranapanema e da própria Raia Divisória SP-PR-MS, forma uma espécie de palimpsesto naquele sentido atribuído por Santos (1997, p.66) à paisagem, sendo esta algo semelhante a uma escrita sobre a outra, um conjunto de objetos com idades diferentes, enfim, uma herança de muitos diferentes momentos.

Em Mirante do Paranapanema-SP houve uma série de desdobramentos negativos das ações antrópicas desde momentos anteriores à sua emancipação político-administrativa até os dias atuais. Estes desdobramentos se materializaram na paisagem, uma representação da teia de relações que produzem e dinamizam o território.

Há uma processualidade inerente à paisagem que é dada por uma combinação entre diferentes tempos, atores e projetos (ou falta de projetos – algo próximo da “espontaneidade”). Estes fatores são perceptíveis em Mirante do Paranapanema quando caminhamos às margens dos ribeirões e nos surpreendemos com o nível de degradação e assoreamento dos mesmos.

Degradação esta que não começou por acaso. Ao contrário. Esteve e ainda está relacionada à cultura do imediatismo pouco atenta aos reflexos negativos que determinadas práticas podem disseminar futuramente.

O tempo da natureza é alterado pelo tempo da sociedade. A dinâmica do antrópico não se concilia com a dinâmica do natural e isto, por si, caracteriza o impacto. Tal

---

<sup>7</sup> As visitas técnicas ao CAOARPP ocorreram entre os meses de julho e agosto de 2008.

incongruência foi perfeitamente verificável no município analisado e a pesquisa teve este fato ou fatalidade como foco.

Quais foram e quais são os atores (des)construtores da paisagem de Mirante do Paranapanema?

i) Foram os pioneiros colonizadores e plantadores que desde momentos anteriores à emancipação político-administrativa chegaram à área do atual município e geraram as alterações iniciais (desmatamentos e uso agrícola) do atual estado de degradação da paisagem: representativo da degradação ambiental que se reflete de modo negativo sobre a sociedade local.

ii) Foram os produtores de algodão que, incentivados pela chegada das empresas beneficiadoras (Anderson Clayton, Sanbra, MacFaden) na década de 1950, permaneceram nesta mesma produção por quase vinte anos, geralmente sem a adoção de técnicas adequadas de manejo do solo, levando ao seu empobrecimento e potencialização da velocidade dos processos erosivos que, em conjunto com as ações de desmatamento, contribuíram sobremaneira aos impactos ambientais.

iii) Foram e são os proprietários rurais que implantaram a pecuária extensiva (de corte e, sobretudo a leiteira) nas áreas que haviam sido relativamente prósperas durante o período das lavouras de algodão. Uma atividade que também ocorreu/ocorre em moldes pouco sustentáveis no que diz respeito à preservação do meio ambiente com vistas à própria manutenção da rentabilidade da produção: as pastagens são muito pobres, apresentam vários pontos críticos de erosões e, muitas vezes, não respeitam as áreas de preservação permanente ao longo dos córregos.

iv) No cenário atual, também são os produtores de cana-de-açúcar que vêm ganhando cada vez mais destaque devido aos incentivos à produção do etanol para atender às demandas do mercado nacional e para exportação. Embora o discurso dos grupos interessados apresente argumentos referentes a práticas pouco predatórias tanto nas usinas quanto nos canaviais, vimos que na realidade este discurso é questionável<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> As usinas difundem um discurso de preservação ambiental e práticas sustentáveis que não são amplamente assimilados e postos em prática tanto por elas mesmas quanto pelos produtores da cana-de-açúcar. No primeiro semestre de 2008, observamos a área de uma fazenda, localizada entre os municípios de Mirante do Paranapanema e Presidente Bernardes, que apresentava danos ambientais relacionados ao envenenamento de vegetação que deveria

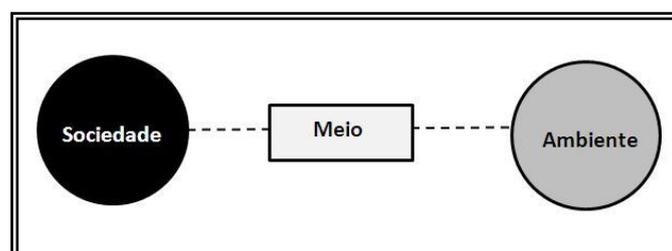
v) São os pequenos proprietários rurais e os assentados, geralmente menos capitalizados, que baseiam sua produção na pecuária leiteira e isso torna seus ganhos dependentes de vários fatores: das variações climáticas (a estação seca compromete as pastagens e, conseqüentemente, a produção do leite) aos preços determinados pelos laticínios.

Em linhas gerais são estes os atores que construíram e constroem o cenário paisagístico do município. Cenário pleno em disjunções e dissimetrias. Cenário de um território construído por meios não muito adequados do ponto de vista da conservação ambiental, dos ganhos para a sociedade local, enfim, do verdadeiro desenvolvimento local sustentável.

Com a apresentação deste trabalho, procuramos oferecer este panorama sobre a geografia do município. E também expor a nossa ideia sobre como devem ser realizadas as leituras e análises do meio ambiente no âmbito da ciência geográfica. Inclusive considerando *meio ambiente* como termo único e importante, ao contrário do que, às vezes, ouvimos em discursos ambientalistas mais radicais.

A composição meio + ambiente, jamais resultaria no significado de ambiente fracionado. Metade. Ambiente não analisado em sua integração e integralidade. Isto é um projeto impossível!

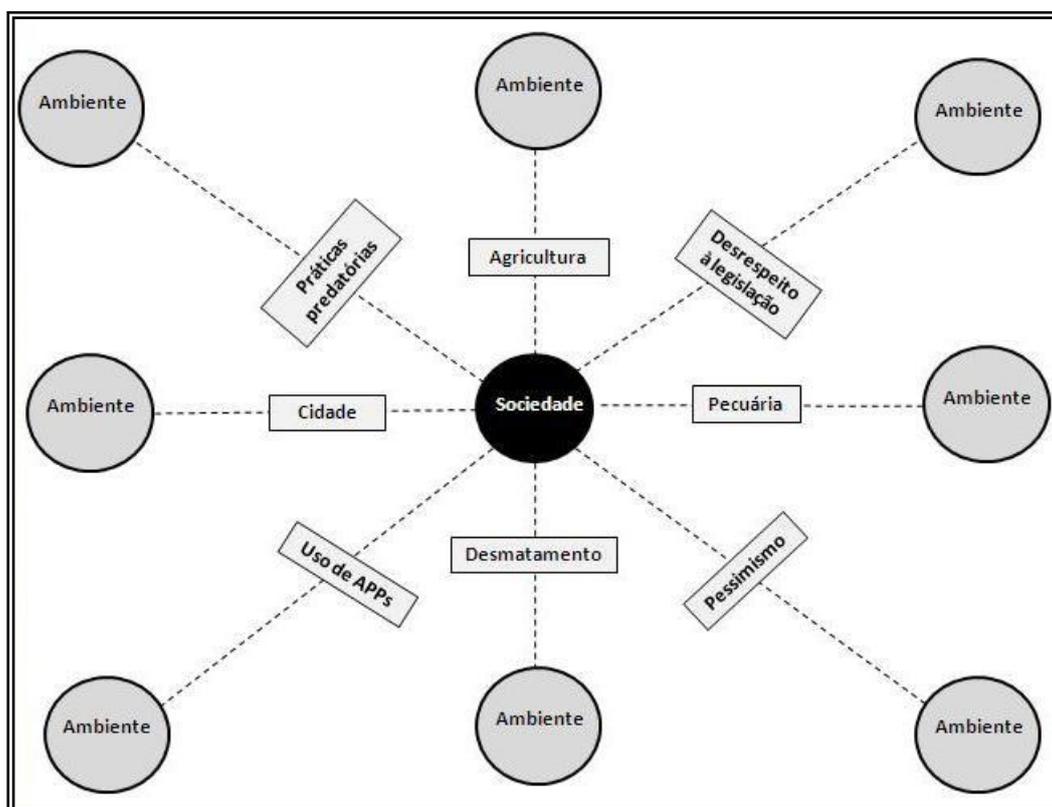
Salientamos que o *meio* do termo *meio ambiente* deve ser lido como *possibilidade-condição-intervenção*. Como a forma de relação entre a sociedade e tudo aquilo que ela toma para si como recurso que julga necessário à sua (re)produção. Em termos esquemáticos, esta relação pode ser representada (de modo geral) da seguinte forma:



**Esquema 1:** Relação sociedade-meio-ambiente. (Esquema simples) Org. Reginaldo José de Souza.

ser preservada. O interesse, conforme as evidências naquele momento, era o cultivo da cana-de-açúcar. Posteriormente pudemos constatar o fato ao observarmos o plantio já estabelecido.

E ao considerarmos especificamente o município de Mirante do Paranapanema, esta relação se abre conforme o próximo esquema:



**Esquema 2:** Relação sociedade-meio-ambiente em Mirante do Paranapanema. Do esquema simples, partimos para este mais complexo justamente no intuito de demonstrar a pertinência em não considerarmos o termo “meio ambiente” como uma possibilidade de leitura fracionada daquilo que seria o “ambiente inteiro”. Orq.: Reginaldo José de Souza.

Neste sentido, mais do que nunca, o *meio* não pode ser ignorado ou simplesmente encarado como sinônimo de *metade* porque ele é o que representa as diferentes formas pelas quais a sociedade realizará a transfiguração da natureza<sup>9</sup> de acordo com os seus objetivos e os respectivos contextos políticos, econômicos e culturais.

As transfigurações da natureza em Mirante do Paranapanema aconteceram e acontecem por meios diversificados: dos desmatamentos para a agricultura; desta para a

<sup>9</sup> “Transfiguração da natureza”: expressão utilizada por SUERTEGARAY (2002, p.115-116) no sentido de enfatizar a artificialização da natureza pela sociedade, mas sem negar a própria essência da natureza mesmo que artificializada.

pecuária; expansão das áreas de cultivo de cana; casos de desrespeito à legislação ambiental vigente; enfim, maneiras variadas de alteração/produção do ambiente que parecem perpetuar um conjunto de práticas predatórias no município.

E ao falarmos de uma aparente perpetuação das práticas predatórias, não pretendemos expor deliberadamente o nosso pessimismo com relação ao quadro socioambiental que ali existe. Na realidade estas impressões advêm do contato que estabelecemos com os moradores que não acreditam na reversão do franco processo de degradação ambiental pelo qual o município passa.

Há possibilidade de prognosticar futuros cenários paisagísticos em Mirante do Paranapanema? Pensemos em alguns pontos:

1º) O município se encontra no seio de um território fronteiriço – a Raia SP-PR-MS. Cada uma das parcelas que compõem a Raia apresenta suas particularidades e suas semelhanças ao mesmo tempo. A presença de solos bastante friáveis e relativamente pouco propícios à agricultura é um dos fatores de semelhanças entre o Sudoeste Paulista, Noroeste Paranaense e Sudeste Sul Mato-Grossense. O Noroeste Paranaense conta com um programa resultante de parcerias entre Iapar, UEM, Prefeituras Municipais e uma empresa multinacional – Programa Arenito Nova Fronteira – que atualmente contempla a utilização agrícola e manejos mais adequados em áreas de solos areníticos. Atitudes como esta poderiam influenciar os municípios do Pontal do Paranapanema e promover algumas mudanças socioeconômicas e ambientais positivas, caso também fossem implantadas nesta região? Talvez sim, porém, elas ainda não atravessaram para a margem paulista do rio Paranapanema.

2º) Existem ações dos programas Microbacias Hidrográficas e Melhor Caminho (governo estadual) em Mirante do Paranapanema, porém, estes programas não contemplam toda a área do município e as ações implantadas nas propriedades e lotes rurais muitas vezes não ocorrem de modo integrado: um proprietário associado implanta curvas de nível em suas terras, mas o seu vizinho não. Ou então, não dispõe de recursos para o cultivo e continua a utilizar a área como pastagem. Estes exemplos de ausência de práticas integradas contribuem para aumentar a ocorrência dos processos erosivos / assoreamentos / desperenização dos ribeirões.

3º) A presença das usinas sucroalcooleiras no Pontal do Paranapanema leva à expansão dos canais por toda a região e, conseqüentemente, no município analisado. Tal fato ainda faz perdurar o “espírito imediatista” de alguns proprietários no que diz respeito à eliminação da maior parte da vegetação (APPs e Reserva Florestal Legal) das fazendas em benefício do preparo das áreas para o plantio da cana.

Diante dos pontos supracitados, tendemos a pensar na permanência do atual modelo de reprodução do território (baseado em práticas muito inadequadas) no futuro mais imediato. A não ser que mudanças bruscas, com vistas à reversão do atual estado de degradação existente em Mirante do Paranapanema, passassem a acontecer a partir de agora ou ao menos, tivessem sido iniciadas em anos anteriores. Ao que nos parece, isso não vem acontecendo.

### **3. Conclusão**

A partir da premissa de que a paisagem é fruto de uma determinada configuração territorial, foi possível identificar uma série de elementos na área de estudo que possibilitaram as nossas reflexões e a produção deste trabalho.

Entendemos como dinâmicas socioambientais as relações que a sociedade estabelece com seu ambiente ao passo que transfigura seus elementos geocológicos em recursos necessários à produção e reprodução do território em escalas de curto, médio e longo prazo.

É a partir deste instante que as dinâmicas socioambientais podem tomar diferentes aspectos e proporções. Elas podem se traduzir (utopicamente, talvez) em relações mais harmoniosas entre homem e meio ou tomar dimensões negativas, traduzindo-se como verdadeiros impactos que prejudicam tanto o homem quanto a natureza.

Em Mirante do Paranapanema existem problemas referentes a empobrecimento do solo, processos erosivos e assoreamento de ribeirões. A gravidade desta problemática é evidente e fruto de uma cultura estabelecida (uso irracional do potencial geocológico, baseado em interesses econômicos imediatos) desde a ocupação histórica do Pontal do

Paranapanema. As dinâmicas socioambientais neste município tomaram feições de impactos...

Então, a análise de qual aspecto deve ser priorizada? Da desobediência aos princípios da legislação ambiental? Da carga de sedimentos que os ribeirões vêm recebendo das vertentes contribuindo para o assoreamento? Da baixa capacidade produtiva das pequenas propriedades ou dos assentamentos rurais? Da relação de causa e efeito entre degradação ambiental e economia pouco dinâmica e capaz de potencializar o desenvolvimento local?

Todos os aspectos devem ser considerados, pois a construção da paisagem, em Mirante do Paranapanema, é caracterizada por uma série de incoerências. A exploração econômica do/no território não obedece, muitas vezes, os limites que deveria ter e nem mesmo aqueles que são estabelecidos por leis. Os resultados negativos destas relações são evidentes: singularidades paisagísticas que denotam as carências do município no que tange à ausência de práticas agropecuárias menos predatórias e maiores incentivos para difusão, estabelecimento e integração dos projetos que estimulem o desenvolvimento local.

### **Bibliografia**

AB'SÁBER, Aziz. **Os Domínios de Natureza no Brasil: Potencialidades Paisagísticas**. São Paulo, Ateliê Editorial, 2003.

BERTRAND, Claude. BERTRAND, Georges. **Une Géographie Traversière. L'environnement à Travers Territoires et Temporalités**. Paris : Éditions Arguments, 2002.

\_\_\_\_\_. **Uma geografia transversal e de travessias: o meio ambiente através dos territórios e das temporalidades**. Org.: Messias Modesto dos Passos. Maringá: Ed. Massoni, 2007.

CASSETI, Valter. **Ambiente e Apropriação do Relevo**. São Paulo: Contexto, 1991.

DEMATTEIS, Giuseppe. O Território: Uma Oportunidade para Repensar a Geografia. In: SAQUET, Marcos A. **Abordagens e Concepções de Território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

FONSECA, Fernanda P. da. CZUY, Daniele C. Formação Arenito Caiuá: uso, ocupação do solo e problemas ambientais na região Noroeste do Paraná. In: **Anais do Simpósio Nacional de Geografia Agrária, 3. Simpósio Internacional de Geografia Agrária, 2. Jornada Ariovaldo Umbelino de Oliveira**. Presidente Prudente: UNESP, novembro de 2005.

GUERRA, Antonio J. Teixeira. CUNHA, Sandra Baptista da (orgs.). **Geomorfologia: uma atualização de bases e conceitos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

GONÇALVES, Carlos Walter P. **Os (Des)caminhos do Meio Ambiente**. 6ª edição. São Paulo: Contexto, 1998.

LEITE, José F. **A Ocupação do Pontal do Paranapanema**. São Paulo: Ed. Hucitec, Fundação UNESP, 1998.

MENDONÇA, Francisco. Geografia Socioambiental. In: **Elementos de Epistemologia da Geografia Contemporânea**. MENDONÇA, Francisco. KOZEL, Salete (orgs.). Curitiba: Ed. da UFPR, 2002.

NUNES, João Osvaldo Rodrigues et al. Variações texturais dos latossolos vermelhos do assentamento rural Antônio Conselheiro – Mirante do Paranapanema/SP. In: **Geografia em Atos**, n.6, Volume 1, Presidente Prudente, 2006.

PASSOS, M. Modesto dos. **Biogeografia e Paisagem**. Programa de Mestrado-Doutorado em Geografia FCT-UNESP/ Campus de Presidente Prudente – SP. Programa de Mestrado em Geografia UEM – Maringá – PR, 1988.

\_\_\_\_\_. **A Raia Divisória: geossistema, paisagem e eco-história**. Maringá: Eduem, 2006.

\_\_\_\_\_. **A Raia Divisória: eco-história da Raia Divisória**. Maringá: Eduem, 2007.

\_\_\_\_\_. **A Raia Divisória: geo-foto-grafia da Raia Divisória**. Maringá: Eduem, 2008.

\_\_\_\_\_. **O Pontal do Paranapanema: um estudo de geografia física global**. 1988. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo. São Paulo.

\_\_\_\_\_. **Dinâmicas socioambientais, desenvolvimento local e sustentabilidade na Raia Divisória São Paulo-Paraná-Mato Grosso do Sul**. Projeto Temático (processo FAPESP: 2005/55505-3), 2005.



Projec – Engenharia Ambiental. Relatório de impacto ambiental – **RIMA: ampliação da Usina Conquista do Pontal**, 2009.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo; Razão e Emoção**. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

\_\_\_\_\_. **Técnica, Espaço, Tempo**. São Paulo: Hucitec, 1997.

SAQUET, Marcos A. **Abordagens e Concepções de Território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SOUZA, Reginaldo J. **O sistema GTP (Geossistema, Território, Paisagem) aplicado ao estudo sobre as dinâmicas socioambientais em Mirante do Paranapanema-SP**. Dissertação de Mestrado. PPGG, FCT-Unesp: Presidente Prudente, 2010.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Espaço geográfico uno e múltiplo. In: **Scripta Nova**. Universidad de Barcelona, n.93, 2001.

\_\_\_\_\_. Geografia Física (?) Geografia Ambiental (?) Ou Geografia e Meio Ambiente (?). In: **Elementos de Epistemologia da Geografia Contemporânea**. MENDONÇA, Francisco. KOZEL, Salete (orgs.). Curitiba: Ed. da UFPR, 2002.